



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15019 - Resumo Expandido - Trabalho - XVII Reunião Regional da ANPEd Centro-oeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT 14 / GT 17 - Sociologia da Educação e Filosofia da Educação

EDUCAÇÃO, IMAGINÁRIO, LIBERDADE E O SENTIDO DA FORMAÇÃO HUMANA
Liliane Barros de Almeida - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

Nesse texto busca-se realizar o diálogo entre a filosofia de Sartre e o tema da educação, o que se constitui em grande desafio, pois Sartre não interrogou, nem escreveu texto algum sobre essa questão. Relacionar ao campo da educação uma discussão filosófica não dirigida a esse propósito é desafio instigante àqueles que buscam pensar a educação numa compreensão de não aceitação do que está instituído, um caminho que está por se fazer a todo o momento.

Pensar a educação com a filosofia sartriana exige não aceitar uma definição pronta e acabada de homem e de sociedade, pois é interpretação crítica que procura a compreensão da realidade, do existente e obriga a formular questões fundamentais tais como: qual o sentido da educação? O que é educação? O que é o homem? a sociedade? Se a filosofia é questionamento permanente e radical da origem e razão de ser do homem e do mundo; se a educação visa à humanização do homem, é preciso compreendê-las, inerentemente, inter-relacionadas. Assim, o trabalho da filosofia e da educação se assemelha no sentido de que são dimensões que se fazem no reconhecimento do homem, de si mesmo e de seu saber como consequência de sua existência, das condições e da facticidade histórico-social do seu ser-no-mundo.

Sartre desenvolveu sua filosofia sobre o fenômeno de ser, procurando captar o ser mesmo do fenômeno. Seu objeto de reflexão foi a compreensão dos homens como seres livres, responsáveis, comprometidos e engajados com sua situação existencial. A constituição de sua filosofia foi fortemente influenciada pela fenomenologia husserliana. Em Husserl “todo objeto intencional reporta à consciência”, mas essa consciência não é materializada pelo, ou no sujeito como se fosse uma coisa, localizada em um órgão de seu corpo. É, sim, uma manifestação de seu eu empírico, fonte pura de significações que dão sentido ao mundo que o cerca. Dessa forma, “o sujeito assim situado no mundo e sofrendo sua ação é também

aquele que pensa o mundo” (MERLEAU-PONTY, 1973, p. 31). Esse homem se faz no mundo e constitui esse mundo por meio do pensar e agir coerentemente, respondendo de diversas formas às situações e vivências.

Sartre encontrou, em Husserl, os principais elementos para constituir sua filosofia e seu método descritivo fenomenológico. Retoma a todo momento as ideias e conceitos desse filósofo, deixando clara a pretensão de continuar e radicalizar seu trabalho. Retira da consciência todo seu conteúdo, demonstrando que ela é o nada, não tem substância ou localização. Assim, a consciência "não é um lugar onde se armazenam os objetos, as percepções, lembranças e imaginações. Ela é um nada que se projeta no mundo, em algo que está fora dela" (Souza, 2003, p.133). Esse é o movimento de intencionalidade fundado por Husserl, e que Sartre assenta sua obra filosófica. A intencionalidade é o ato primordial da realidade humana em que a consciência se acha fora, rumo ao mundo, aos objetos. É uma transcendência na imanência.

A consciência é intencionalidade, ato, e não coisa. A grande descoberta husserliana é a intencionalidade ^[1], sendo o conhecimento apenas uma das formas possíveis da consciência, que surge junto com o objeto. O que implica em entender todas as manifestações da consciência como formas diferentes de pôr o mundo. “A consciência e o mundo são dados de uma só vez: por essência exterior à consciência, o mundo é, por essência, relativo à ela” (Sartre, 2005, p.56).

Enfim, cabe ao homem que é sua própria realidade, constituir-se como essência de ser, por meio da indeterminação de ser em situação, desde o nascimento até sua morte. Assim, não tem onde se apoiar ou refugiar, e fica obrigado a suportar o peso e a responsabilidade de sua liberdade, de suas escolhas no mundo. Somente lhe resta assumir-se como responsável por suas escolhas, por seu fazer, suas ações, sua vida, estabelecendo-se suas próprias normas, ou seja, sendo autônomo, engajado no mundo em que vive. Sem um caminho pré-estabelecido, mas num projetar-se constantemente, o homem escolhe seu ser a cada momento, lançando-se às possibilidades de sua existência. Dessa forma, se descobrirá “na estrada, na cidade, no meio da multidão, coisa entre as coisas, homem entre os homens” (*Sit. I*, p. 57). É o único responsável pelas escolhas que faz.

Esses fundamentos são de grande importância para pensar uma educação que se faça pela referência sartriana, pois alteram o modo de pensar e compreender o homem e sua relação com o conhecimento e com o mundo. A consciência sendo a realidade humana que desliza rumo ao objeto, às coisas, ao mundo, não os apreende em seu interior, ao contrário estabelece com eles uma relação de negação. Resulta daí que o conhecimento é pura negatividade, pois a consciência não acrescenta nada ao objeto. O conhecimento é abertura da consciência ao objeto, o que caracteriza a realidade humana como movimento entre ser e nada.

A educação nesse sentido constitui-se como formação do homem para ser, viver e conhecer na busca da transformação humana e social. Afirmamos, dessa forma, a pertinência e a relevância deste estudo para a compreensão da lógica massificadora e adestradora dos sujeitos. Pensar a educação com o olhar da filosofia implica interrogar e compreender escolhas e tensões epistemológicas, ontológicas, éticas, políticas e estéticas. Nesse saber que pensa o paradoxo da existência humana, a formação é a possibilidade de realização do humano. A educação é parte inseparável da formação humana e, como *prâksis*, constitui-se na relação com o outro, mediada pela cultura, interrogando o sentido do modo de vida em sociedade, os conflitos, o ensinar e o aprender, o homem, a sociedade e a relação entre eles.

Para Sartre a imaginação é importante forma de existência da consciência, e procura elucidar o significado da imaginação por meio do questionamento de como se produz a imagem. Depois de uma rigorosa crítica à visão clássica da concepção de imagem, afirma que a imagem não é uma coisa, não é exterioridade, ao contrário, é consciência, é ato intencional. “Um trabalho sobre a imagem deve se constituir como uma eidética da imagem, isto é, fixar e descrever a essência dessa estrutura psicológica tal como aparece à intuição reflexiva” (1978, p.99). A imagem é a forma do pensamento irrefletido.

Sartre estabeleceu o primado da existência e, diante do conhecimento, destituiu a supervalorização do intelectualismo da consciência, que em sua filosofia deixa de ser interioridade, para se fundar *na e pela* existência. Sendo pura existência, é anterior a qualquer conhecimento. O mais importante, então, não é o conhecimento, que é um

modo de existir, mas sim a existência, que é pura espontaneidade, liberdade. É a realidade humana, a consciência, que primeiro existe e estando no mundo, pensa, percebe, conhece, imagina. O homem é ser-no-mundo, situa-se nele, age e abre-se ao ser, aos objetos, ao mundo. Dessa forma, a educação que é facticidade no mundo, volta-se para os vividos, para a existência, para o existir humano e suas possibilidades de conhecimento, de criação, de ação e de reflexão no mundo, pois é existindo que se conhece e não o contrário.

O homem não tem uma essência ou natureza humana a ser educada, moldada ou ensinada, é existência. A imaginação é um modo de existir da consciência, ideia fundamental a quem pensa a educação com Sartre, pois a imagem é uma forma de saber imediato. Na imaginação, que é o correlato da imagem, o objeto se dá como síntese de elementos, um saber do objeto. Existir é ser nada, permanente possibilidade e liberdade. A consciência *existe*, e os objetos *são*, têm essência determinada, estão dados, independente da existência. A realidade humana é consciência que existe e cria sentidos e significados, constituindo sua essência em vida.

A consciência imaginante, tem fundamental, importância para a vida humana porque põe o não-ser, possibilidade sempre viva de vir-a-ser. O imaginário, não é do âmbito da necessidade, do imediato, da previsibilidade utilitária, do controle pragmático, ao contrário não é determinado, é sem previsibilidade, é pura espontaneidade, faz-se possibilidade sempre.

A liberdade se põe na ação do homem no mundo, ao realizar-se no reino do vir-a-ser, constituído pelo imaginário. E a educação, importante dimensão da vida em sociedade, tem muito a pensar, elaborar e contribuir nessa realização.

Nesse sentido, defende-se a imaginação e a liberdade como condição primordial da ação educativa. Essa liberdade não se constitui como a essência do ser humano, mas como a própria existência. “A liberdade é existência, e, nela a existência precede a essência; a liberdade é surgimento imediatamente concreto e não se distingue de sua escolha, ou seja, da pessoa” (Sartre, 1997, p.695). Se a existência precede a essência, a liberdade precede e torna possível a criação de essências, uma criação possível somente pela liberdade que surge de forma concreta e se manifesta pela escolha. “O conceito técnico e filosófico de liberdade, o único que consideramos aqui, significa somente: autonomia de escolha” (Sartre, 1997, p.595).

Para Sartre, “o homem não é primeiro para ser livre depois: não há diferença entre o ser do homem e seu ‘ser livre’” (Sartre, 1997, p.68). Pensar a educação a partir da filosofia sartriana é tê-la como sinônimo de liberdade. Realiza-se como possibilidade; surge sem que haja uma definição *a priori* e sem propor um fim ou ideal estabelecido, fazendo-se por uma ação contínua de liberdade do homem para conduzir-se numa existência totalmente comprometida com a situação do ser-no-mundo; em que as próprias possibilidades, para criar e recriar os sentidos constitui a existência.

Assim, pensar a educação, com referências filosóficas sartrianas, é considerá-la como ato público e coletivo, responsabilidade, ação engajada que se faz em movimento constante, ação de lançar o homem ao mundo. Sendo um apelo à liberdade, criativa na forma de ser e criadora na forma de agir, essa educação não se deixa prender nas amarras do sistema, compreende a facticidade do processo educacional sistemático, participa dele, mas não o reproduz. Faz-se na e pela resistência, pela crítica, pela criação, pela diferença, pelo exercício de liberdade, que busca percorrer um caminho próprio de criação de sentido e de significados.

Palavras-chave: Educação. Liberdade. Imaginação. Jean-Paul Sartre. Fenomenologia.

Referências

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Ciências do Homem e fenomenologia**. Tradução, prefácio e notas de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Saraiva, 1973.

SARTRE, Jean-Paul. **A imaginação**. São Paulo: Abril, 1978.

_____. **O Ser e o Nada**: Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdiggão, Petrópolis: Vozes, 1997.

SARTRE, Jean-Paul. Uma ideia fundamental da fenomenologia de Husserl: a intencionalidade. In: _____. **Situações I**. Tradução Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2005, p. 55-57.

[1] “A palavra *intencionalidade* não significa nada mais que essa particularidade fundamental e geral que a consciência tem de ser consciência *de* alguma coisa, de conter, em sua qualidade de *cogito*, seu *cogitatum* em si mesma” (MC, §14, p.51).